



# ***Revista Eletrônica Peregrino da Esperança***

*Volume 2 – Número 1 - 2026*

# **A Verdade em Santo Agostinho: Interioridade, Iluminação Divina e Cristo como Verdade Subsistente**

**Maria Bernadete Miranda**  
[mbernadetemiranda@gmail.com](mailto:mbernadetemiranda@gmail.com)

*“Não saias de ti; entra em ti mesmo, pois no homem interior habita a verdade.”  
“Noli foras ire, in te ipsum redi; in interiore homine habitat veritas.”  
(Santo Agostinho)*

## **Resumo**

Este artigo tem como objetivo analisar o conceito de verdade na obra de Santo Agostinho, destacando sua originalidade e profundidade no diálogo entre filosofia e teologia. Partindo do contexto do pensamento antigo e do itinerário intelectual do próprio Agostinho, o estudo aborda a superação do ceticismo, a centralidade da interioridade, a teoria da iluminação divina e a íntima relação entre fé e razão. A verdade, para Agostinho, não é apenas um conceito abstrato, mas uma realidade viva, enraizada em Deus e plenamente revelada em Cristo, Verbo eterno e Verdade subsistente. Ao final, evidencia-se que a verdade agostiniana possui uma dimensão existencial e salvífica, inseparável do amor e da beatitude, constituindo-se como o fim último da busca humana.

## **Abstract**

This article aims to analyze the concept of truth in the work of Saint Augustine, highlighting its originality and depth within the dialogue between philosophy and theology. Starting from the context of ancient thought and Augustine's own intellectual journey, the study addresses the overcoming of skepticism, the centrality of interiority, the theory of divine illumination, and the intimate relationship between faith and reason. For Augustine, truth is not merely an abstract concept, but a living reality rooted in God and fully revealed in Christ, the eternal Word and subsistent Truth. In conclusion, the article demonstrates that Augustinian truth possesses an existential and salvific dimension, inseparable from love and beatitude, and constitutes the ultimate end of the human search.

## **1 - Introdução**

A questão da verdade sempre ocupou um lugar central na história do pensamento filosófico e teológico. Desde os primeiros filósofos gregos até os grandes sistemas da Antiguidade tardia, a busca pela verdade esteve associada à tentativa de compreender o sentido último da realidade e da existência humana. Nesse contexto, Santo Agostinho (354–430) emerge como uma das figuras mais influentes, não



apenas por sua capacidade de assimilar criticamente a herança filosófica clássica, mas sobretudo por integrar essa tradição à fé cristã de modo original e fecundo.

Para Agostinho, a verdade não se reduz a um problema meramente epistemológico. Ela envolve toda a existência humana, tocando simultaneamente a razão, a vontade e o coração. Sua reflexão nasce de uma experiência concreta de busca, marcada por erros, inquietações e desilusões intelectuais, mas também por uma profunda sede de sentido. Como ele próprio confessa, seu coração permaneceu inquieto enquanto não repousou em Deus, fonte última de toda verdade (Confissões I,1).

O presente artigo propõe-se a examinar o conceito de verdade em Santo Agostinho a partir de uma abordagem dissertativa, equilibrando os aspectos filosóficos e teológicos de sua obra. Serão analisados os principais elementos que estruturam sua compreensão da verdade: a interioridade, a iluminação divina, a relação entre fé e razão, a centralidade de Cristo e a ligação intrínseca entre verdade, amor e beatitude.

Ao desenvolver esses aspectos, pretende-se mostrar que a verdade agostiniana não é apenas algo que se conhece, mas algo que se vive. Ela é encontro, conversão e caminho. Assim, a reflexão de Santo Agostinho permanece atual, oferecendo uma resposta consistente às inquietações contemporâneas acerca da possibilidade do conhecimento verdadeiro e do sentido último da existência humana.

## **2 - O Problema da Verdade na Filosofia Antiga e a Conversão Intelectual de Santo Agostinho**

A reflexão agostiniana sobre a verdade não pode ser compreendida sem referência ao contexto intelectual da filosofia antiga. O mundo greco-romano apresentava uma multiplicidade de escolas filosóficas que, embora divergentes entre si, compartilhavam a convicção de que a filosofia deveria conduzir o homem à verdade e à felicidade. Platônicos, aristotélicos, estoicos e epicuristas, cada qual a seu modo, buscavam um conhecimento seguro que fosse capaz de orientar a vida humana.

Entretanto, ao lado dessas correntes, o ceticismo acadêmico exerceu forte influência no ambiente intelectual do século IV. Os cétricos defendiam a impossibilidade de alcançar a verdade com certeza, propondo a suspensão do juízo como atitude mais prudente diante da fragilidade do conhecimento humano. Agostinho, em sua juventude, foi profundamente impactado por essa posição, sobretudo após sua decepção com o maniqueísmo, que prometera respostas racionais claras, mas se revelara intelectualmente inconsistente.

A adesão temporária ao ceticismo não significou, porém, um abandono da busca pela verdade. Pelo contrário, ela intensificou sua inquietação interior. Como o próprio Agostinho relata, viver sem a possibilidade de alcançar a verdade equivaleria a renunciar ao sentido da vida intelectual e moral (Contra





Acadêmicos III, 20). Essa constatação levou-o a criticar o ceticismo, afirmando que a própria dúvida pressupõe alguma forma de verdade, ao menos a verdade de que se duvida.

O encontro com o neoplatonismo constituiu um momento decisivo em seu itinerário intelectual. Nos textos platônicos, Agostinho encontrou a afirmação da existência de verdades eternas e imutáveis, superiores ao mundo sensível e à mente humana. Essa descoberta permitiu-lhe superar o materialismo e compreender que a verdade não poderia ser reduzida aos sentidos ou às opiniões mutáveis, mas deveria residir em uma realidade transcendente (Confissões VII, 10).

Todavia, embora o neoplatonismo tenha conduzido Agostinho a uma concepção elevada da verdade, ele reconheceu seus limites. Faltava-lhe, segundo o próprio Agostinho, o caminho que conduzisse não apenas ao conhecimento da verdade, mas à sua posse plena e salvífica. Esse caminho seria encontrado em Cristo, Verdade encarnada, que não apenas ilumina a inteligência, mas transforma o coração. Assim, a conversão intelectual de Santo Agostinho preparou o terreno para sua conversão espiritual, na qual a verdade deixou de ser apenas objeto de contemplação para tornar-se fundamento de uma vida nova.

### 3 - A Verdade como Interioridade: *“noli foras ire, in te ipsum redi”*

A noção de interioridade ocupa um lugar central na compreensão agostiniana da verdade. Em oposição às correntes filosóficas que buscavam a verdade primordialmente no mundo exterior ou na observação sensível, Santo Agostinho propõe um movimento de retorno ao interior do homem. Essa orientação é expressa de modo emblemático na célebre afirmação: *“Noli foras ire, in te ipsum redi; in interiore homine habitat veritas”* (De Vera Religione, 39,72). Tal formulação não indica um subjetivismo relativista, mas um itinerário espiritual e intelectual que conduz da interioridade humana à transcendência divina.

Para Agostinho, a dispersão no exterior impede o encontro com a verdade. O homem, ao se deixar absorver pelas realidades mutáveis do mundo sensível, perde-se em opiniões instáveis e não alcança o conhecimento verdadeiro. A interioridade surge, então, como método filosófico e caminho existencial. Voltar-se para dentro não significa fechar-se em si mesmo, mas recolher-se para encontrar, no mais íntimo da alma, os vestígios da presença de Deus, fonte de toda verdade.

Esse retorno ao interior revela a estrutura da alma humana, composta de memória, inteligência e vontade. Na memória, Agostinho reconhece um vasto repositório não apenas de imagens sensíveis, mas também de noções imutáveis, como as verdades matemáticas e os princípios lógicos, que não podem ser explicados apenas pela experiência sensível (Confissões X, 12). Tais verdades indicam a presença de uma luz superior que ultrapassa o próprio intelecto humano.



A inteligência, por sua vez, é a faculdade pela qual o homem apreende a verdade, mas não a produz por si mesmo. Agostinho insiste que o intelecto humano é mutável e falível, enquanto a verdade é eterna e imutável. Essa desproporção conduz à conclusão de que a verdade não pode ter sua origem na mente humana, mas deve proceder de uma fonte superior, que ilumina o intelecto desde dentro. Assim, a interioridade não é o ponto final da busca, mas o lugar onde se manifesta a dependência radical da criatura em relação ao Criador.

Contudo, Agostinho adverte que a interioridade, isolada de Deus, torna-se insuficiente e até perigosa. O homem pode encontrar em si mesmo apenas a própria mutabilidade e fragilidade se não ultrapassar o nível do “eu” fechado. Por isso, o movimento interior é inseparável da transcendência: ao entrar em si mesmo, o homem descobre algo que o transcende. Como afirma Agostinho, Deus é “mais íntimo a mim do que eu mesmo” (*interior intimo meo*) e, ao mesmo tempo, “mais elevado do que o mais alto em mim” (*superior summo meo*) (Confissões III, 6).

Desse modo, a interioridade agostiniana estabelece uma síntese original entre imanência e transcendência. A verdade não é buscada fora, como se estivesse dispersa nas coisas sensíveis, nem é reduzida a uma construção subjetiva da consciência. Ela habita o interior do homem porque procede de Deus, que ilumina a mente humana sem se confundir com ela. Essa concepção permite a Agostinho superar tanto o empirismo quanto o relativismo, afirmando a possibilidade de um conhecimento verdadeiro, fundado na presença ativa de Deus na alma.

#### 4 - A Teoria da Iluminação Divina

A doutrina da iluminação divina constitui um dos pilares centrais da epistemologia agostiniana e oferece a chave para compreender como o ser humano pode alcançar a verdade. Partindo da constatação da mutabilidade do intelecto humano e da imutabilidade da verdade, Santo Agostinho afirma que o conhecimento verdadeiro não pode ter sua origem última na mente criada. Se a verdade é eterna, necessária e universal, ela só pode proceder de Deus, que é a Verdade suprema e imutável.

Agostinho desenvolve essa tese sobretudo em obras como *De Magistro* e *De Trinitate*. No diálogo *De Magistro*, ele sustenta que nenhum homem ensina verdadeiramente a outro; o mestre exterior apenas indica, enquanto o verdadeiro ensino ocorre no interior da alma, quando Deus ilumina o intelecto para que este reconheça a verdade (*De Magistro*, 11). Assim, o conhecimento não é mera transmissão de informações, mas um ato interior no qual a mente é elevada pela luz divina.

A iluminação divina não deve ser confundida com uma revelação extraordinária ou com uma inspiração mística reservada a poucos. Para Agostinho, trata-se de uma condição ordinária do conhecimento humano. Sempre que o intelecto apreende uma verdade necessária — como os princípios



lógicos ou as verdades matemáticas — ele o faz porque participa, de algum modo, da luz eterna de Deus. Essa participação não anula a atividade racional, mas a fundamenta e a torna possível.

Nesse sentido, a iluminação divina preserva simultaneamente a transcendência de Deus e a autonomia relativa da razão humana. Agostinho rejeita tanto a ideia de que o homem seja a fonte última da verdade quanto a noção de que a razão seja passiva ou inútil. O intelecto humano julga, discerne e compreende, mas só pode fazê-lo porque é previamente iluminado por Deus, assim como os olhos só veem quando banhados pela luz do sol (De Trinitate XII, 15).

A relação entre iluminação e verdade eterna também permite a Agostinho explicar a universalidade do conhecimento verdadeiro. Se diferentes indivíduos, em tempos e lugares diversos, reconhecem as mesmas verdades imutáveis, isso não pode ser explicado por disposições subjetivas ou convenções sociais. Tal universalidade aponta para uma fonte comum, que transcende as mentes individuais. Essa fonte é o próprio Deus, no qual todas as verdades encontram sua unidade e fundamento.

Por fim, a doutrina da iluminação divina possui implicações profundamente teológicas e existenciais. Conhecer a verdade não é apenas um ato intelectual, mas um movimento de aproximação de Deus. A luz que ilumina o intelecto é a mesma que chama o homem à conversão e à vida nova. Desse modo, em Santo Agostinho, a epistemologia está inseparavelmente ligada à espiritualidade: conhecer a verdade é, em última instância, participar da vida divina, ainda que de modo imperfeito nesta existência.

## 5 - Verdade, Fé e Razão: O Princípio do *Credo ut Intelligam*

A relação entre fé e razão ocupa um lugar central na compreensão agostiniana da verdade. Longe de opor essas duas dimensões, Santo Agostinho as concebe como realidades complementares, ordenadas ao mesmo fim: o conhecimento da verdade que conduz à vida plena. A célebre expressão *credo ut intelligam* sintetiza essa dinâmica, indicando que a fé não suprime a razão, mas a precede e a orienta em seu caminho em direção à verdade.

Para Agostinho, a fé surge como resposta necessária à condição finita do intelecto humano. Diante das verdades últimas — sobretudo aquelas que dizem respeito a Deus — a razão encontra limites que não pode ultrapassar sozinha. A fé, nesse sentido, não é um refúgio irracional, mas um ato livre e racional de confiança na autoridade divina. Como afirma Agostinho, “não se deve buscar compreender para crer, mas crer para compreender” (Sermones, 43,7), pois a fé abre o horizonte no qual a razão pode operar de modo mais pleno.

Entretanto, Agostinho rejeita qualquer forma de fideísmo que despreze o papel da razão. A fé autêntica desperta o desejo de compreender aquilo que se crê. Esse movimento é expresso na fórmula complementar *intelligo ut credam*, pela qual o crente, iluminado pela razão, aprofunda sua adesão à



verdade revelada. Assim, fé e razão estabelecem entre si uma relação dinâmica, na qual a fé impulsiona a razão e a razão fortalece a fé.

Essa articulação permite a Agostinho enfrentar tanto o racionalismo quanto o ceticismo. Contra o racionalismo, ele afirma que a razão humana, isolada, não é capaz de alcançar a verdade plena sobre Deus e sobre o sentido último da existência. Contra o ceticismo, sustenta que a fé oferece um fundamento seguro para o conhecimento, afastando a dúvida radical que paralisa a busca da verdade. A fé cristã, longe de obscurecer a razão, liberta-a da incerteza e do erro.

No centro dessa relação entre fé e razão está a verdade revelada. Para Agostinho, a revelação não contradiz a razão, mas a ultrapassa. As verdades da fé pertencem a uma ordem superior, que não anula a racionalidade, mas a convida a reconhecer seus próprios limites. Desse modo, a verdade revelada torna-se critério e luz para o exercício da razão, preservando-a tanto do orgulho intelectual quanto do desespero epistemológico.

Por fim, o princípio do *credo ut intelligam* possui uma profunda dimensão existencial. Crer não é apenas aceitar proposições verdadeiras, mas comprometer toda a vida com a verdade que se conhece. A fé envolve a vontade e o amor, orientando o homem para Deus, que é a Verdade suprema. Assim, em Santo Agostinho, a busca da verdade é inseparável de um caminho de conversão, no qual fé e razão cooperam para conduzir o homem à sabedoria e à beatitude.

## 6 - Cristo como Verdade Subsistente

A reflexão de Santo Agostinho sobre a verdade encontra sua plena realização na cristologia. Para o bispo de Hipona, a verdade não é apenas um princípio abstrato ou uma realidade inteligível acessível à razão iluminada; ela é uma Pessoa. Em Cristo, o Verbo eterno de Deus, a verdade assume forma histórica e se torna acessível ao homem em sua condição concreta. Essa afirmação confere à epistemologia agostiniana uma dimensão profundamente teológica e salvífica.

Inspirando-se no prólogo do Evangelho de João, Agostinho identifica Cristo com o Verbo por meio do qual todas as coisas foram feitas e no qual subsistem todas as verdades. O Verbo é a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo (Jo 1,9), e é nessa luz que o intelecto humano participa do conhecimento verdadeiro. Assim, toda verdade conhecida, seja no âmbito natural ou sobrenatural, tem sua origem última em Cristo, mesmo quando não é explicitamente reconhecida como tal (*De Trinitate* I, 3).

A encarnação do Verbo ocupa um lugar decisivo nessa concepção. Para Agostinho, o homem, enfraquecido pelo pecado, não poderia elevar-se por si mesmo à contemplação da verdade divina. Era necessário que a Verdade viesse ao encontro do homem, assumindo sua condição. Em Cristo, a verdade



eterna se reveste de humildade, tornando-se visível, audível e acessível. Como afirma Agostinho, Cristo é ao mesmo tempo o caminho pelo qual se chega à verdade e a própria verdade à qual se chega (Confissões VII, 18).

Essa mediação de Cristo não se limita ao âmbito do conhecimento intelectual. Conhecer a verdade, para Agostinho, é inseparável de ser transformado por ela. Cristo não apenas ensina a verdade, mas comunica a graça que cura o intelecto e ordena a vontade. Por isso, o conhecimento verdadeiro exige uma disposição moral e espiritual adequada: somente o coração purificado pelo amor pode acolher plenamente a verdade revelada em Cristo.

Além disso, a identificação de Cristo como Verdade subsistente permite a Agostinho integrar de modo harmonioso filosofia e teologia. As verdades alcançadas pela razão encontram sua plenitude na verdade revelada em Cristo, sem que isso implique sua negação ou desprezo. Pelo contrário, a fé cristológica confirma e eleva as intuições mais profundas da filosofia, mostrando que toda busca sincera pela verdade já participa, ainda que de modo implícito, do Verbo eterno.

Por fim, a centralidade de Cristo confere à verdade uma dimensão escatológica. O conhecimento pleno da verdade só será alcançado na visão beatífica, quando o homem contemplará Deus face a face. Enquanto isso, a verdade se manifesta de modo parcial e mediado, mas sempre orientada para sua plenitude em Cristo. Assim, para Santo Agostinho, a verdade não é apenas o objeto da busca humana, mas o destino último da existência, no qual todo desejo encontra repouso.

## 7 - Verdade, Amor e Beatitude

Na reflexão de Santo Agostinho, a verdade não pode ser dissociada do amor. Diferentemente de concepções puramente intelectuais do conhecimento, Agostinho afirma que o acesso à verdade exige uma ordenação da vontade. O homem não conhece verdadeiramente aquilo que não ama, pois o amor orienta o olhar da alma e determina o modo como a verdade é acolhida. Nesse sentido, a verdade não se impõe de forma neutra, mas se oferece àquele que está disposto a acolhê-la com retidão de coração.

A centralidade do amor (caritas) na busca da verdade decorre da própria natureza de Deus, que é simultaneamente Verdade e Amor. Conhecer a verdade significa, portanto, entrar em comunhão com Deus. Agostinho insiste que o intelecto obscurecido pelo amor desordenado — especialmente pelo apego às realidades transitórias — torna-se incapaz de perceber a verdade em sua clareza. Somente o amor ordenado, orientado para Deus, purifica o coração e torna possível o conhecimento verdadeiro (*De Trinitate* VIII, 10).

Essa relação entre verdade e amor manifesta-se de modo especial na ética agostiniana. A verdade não é apenas algo que se contempla, mas algo que se vive. O agir humano encontra sua medida na verdade





conhecida e amada. Por isso, Agostinho afirma que o erro moral está frequentemente ligado a um erro no amor: amar o que não merece ser amado como fim último ou amar de modo desordenado aquilo que é apenas meio. A verdade, ao ordenar o amor, conduz o homem à liberdade interior.

A beatitude, fim último da existência humana, consiste precisamente na posse plena da verdade amada. Para Agostinho, felicidade não é o acúmulo de bens ou a satisfação dos desejos sensíveis, mas o repouso da alma em Deus, Verdade suprema. Esse repouso, contudo, não é passividade, mas plena realização do desejo humano de conhecer e amar. Como ele afirma, o coração humano permanece inquieto enquanto não repousa em Deus (Confissões I,1).

A dimensão escatológica da verdade completa essa perspectiva. Nesta vida, o conhecimento da verdade é sempre parcial e marcado pela condição peregrina do homem. Contudo, a esperança cristã aponta para a visão beatífica, na qual a verdade será conhecida sem mediações e o amor encontrará sua plenitude. Essa expectativa confere sentido à busca presente e sustenta o esforço moral e espiritual do cristão.

Assim, em Santo Agostinho, verdade, amor e beatitude formam uma unidade inseparável. A verdade ilumina o intelecto, o amor move a vontade e a beatitude realiza plenamente o ser humano. Separar essas dimensões seria mutilar a própria compreensão agostiniana da existência humana, que se orienta integralmente para Deus como fim último e bem supremo.

## 8. Conclusões

A reflexão sobre a verdade em Santo Agostinho revela uma síntese original e profundamente atual entre filosofia e teologia. Partindo de sua experiência pessoal de busca e inquietação, Agostinho desenvolve uma concepção de verdade que supera tanto o ceticismo quanto o racionalismo, afirmando a possibilidade de um conhecimento verdadeiro fundado em Deus.

A interioridade surge como caminho privilegiado para o encontro com a verdade, não como fechamento subjetivo, mas como espaço de encontro com a luz divina que ilumina o intelecto humano. A teoria da iluminação divina, por sua vez, oferece um fundamento sólido para a objetividade do conhecimento, preservando simultaneamente a transcendência de Deus e a dignidade da razão humana.

A relação entre fé e razão, expressa no princípio do *credo ut intelligam*, demonstra que a fé não se opõe à racionalidade, mas a orienta e a eleva. Essa dinâmica encontra sua plena realização em Cristo, Verbo encarnado e Verdade subsistente, no qual toda verdade encontra sua origem e seu cumprimento.

Por fim, a articulação entre verdade, amor e beatitude confere à reflexão agostiniana uma dimensão existencial e salvífica. Conhecer a verdade não é apenas um exercício intelectual, mas um caminho de conversão que envolve toda a vida humana. Assim, Santo Agostinho permanece como um



interlocutor privilegiado para o pensamento contemporâneo, oferecendo uma visão da verdade que é, ao mesmo tempo, luminosa, exigente e profundamente humana.

Afinal, parafraseando Santo Agostinho “*Onde encontrei a verdade, aí encontrei o meu Deus, que é a própria verdade.*” (Confissões, X, 24)

### Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. *O conceito de amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

BÍBLIA. *A bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus 1995.

BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

GILSON, Étienne. *A filosofia de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 2006.

HIPONA, Santo Agostinho de. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Paulus, 2011.

\_\_\_\_\_. *A Trindade (De Trinitate)*. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. *A verdadeira religião (De vera religione)*. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_. *O Mestre (De Magistro)*. Trad. Moacyr Novaes. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. *Contra os Acadêmicos*. Trad. J. Oliveira Santos. São Paulo: Paulus, 2008.

RATZINGER, Joseph (PAPA BENTO XVI). *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005.

TRAPÈ, Agostino. *Santo Agostinho: o homem, o pastor, o místico*. São Paulo: Paulus, 1999.



***Peregrino da Esperança***